

A CONSTRUÇÃO X-ADA: UM CASO DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO

THE X-ADA CONSTRUCTION: A CASE OF CONSTRUCTIONALIZATION

João Carlos Tavares¹

RESUMO

Os objetivos do presente artigo são, em primeiro lugar, discutir o processo de construcionalização de X-ada, apresentando o que essa construção herda da categoria de origem e no que inova, e, em segundo lugar, descrever morfossemanticamente as construções analisadas. Para esses fins, apenas os dois padrões X-ada mais antigos da língua serão analisados, a saber, X-ada_{ATO DE...} e X-ada_{GOLPE}. Esse trabalho toma por base os principais pressupostos da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987; 2008) e das abordagens construcionais (BOOIJ, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Argumenta-se, ao longo deste texto, que a construção X-ada, de caráter derivacional, tem sua origem no particípio, caracterizando um processo de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para a descrição morfossemântica das construções analisadas, toma-se por base a proposta de Tavares da Silva (2020), cujo cerne é a identificação do significado esquemático da construção morfológica.

PALAVRAS-CHAVE: Construcionalização. Sufixo -ada. Morfologia diacrônica.

ABSTRACT

The objectives of this article are, firstly, to discuss the constructionalization process of X-ada, presenting what this construction inherits from the origin category and in what it innovates, and, secondly, to morphosemantically describe the analyzed constructions. For these purposes, only the two oldest X-ada patterns of the language will be analyzed, namely, X-ada_{ATO DE...} and X-ada_{GOLPE}. This work is based on the main assumptions of Cognitive Linguistics (LANGACKER, 1987; 2008) and constructional approaches (BOOIJ, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). It is argued throughout this text that the derivational X-ada construction has its origin in the participle, characterizing a process of constructionalization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). For the morphosemantic description of the analyzed constructions, the proposal of Tavares da Silva (2020) is taken as a basis, whose core is the identification of the schematic meaning of the morphological construction.

KEYWORDS: Constructionalization. -ada suffix. Diachronic morphology.

Introdução: objetivos, referencial teórico e corpus utilizado

A partir de dados históricos e com base nos conceitos teóricos da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987, 2008) e de modelos construcionais (BOOIJ, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), o presente artigo tem por objetivo discutir o processo de construcionalização de X-ada, apresentando o que essa construção herda da categoria de origem e no que inova. Para esse fim, apenas os dois padrões mais antigos da língua serão analisados, a saber, X-ada_{ATO DE...} e X-ada_{GOLPE}.

Argumenta-se, ao longo deste texto, que a construção X-ada tem sua origem no particípio, herdando deste o caráter delimitativo e a *sumatividade interna*, nos termos de Becker (2014). Como

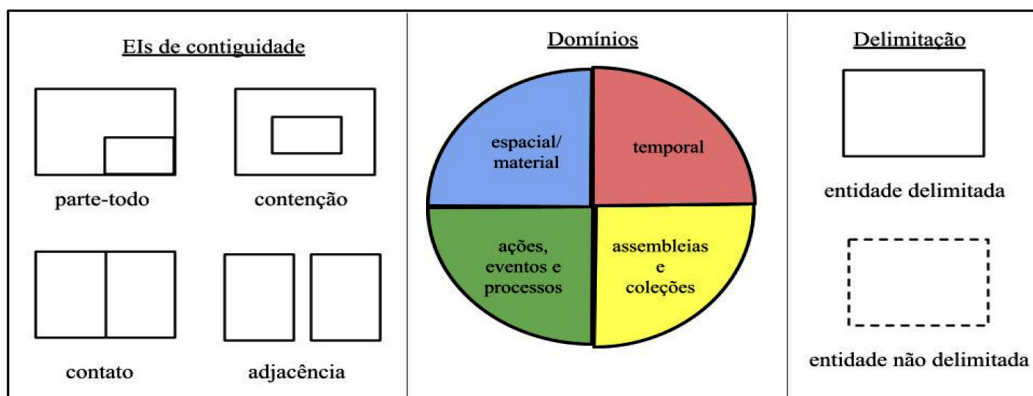
¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tavares.jct@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-2646-3981>.

inovações, passa a figurar como construção derivacional prototípica, ao contrário do participípio (construção mais próxima da flexão prototípica). Tais mudanças caracterizam um processo de construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Por limites de espaço, optou-se por não fazer uma detalhada seção destinada à apresentação do arcabouço teórico que sustenta as análises. Para suprir minimamente essa falta, alguns conceitos serão definidos à medida que surgirem e/ou se fizerem necessários, seja no corpo do texto seja em nota de rodapé. Por ora, o referencial teórico pode ser resumido nos quatro tópicos abaixo:

- ◆ Para a compreensão das propriedades herdadas, são caras as noções langckerianas de escaneamento sequencial e sumário, bem como sua proposta acerca da definição semântica das classes de palavras e da distinção entre perfectivo e imperfectivo (LANGACKER, 2008).
- ◆ Para o tratamento da mudança, assume-se aqui a distinção entre mudança construcional e construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).
- ◆ Para o tratamento das estruturas linguísticas em perspectiva construcional, assume-se as noções de construção², esquema³ e subesquema⁴.
- ◆ Para a descrição morfossemântica das construções analisadas, toma-se por base a proposta de Tavares da Silva (2020), para quem os afixos denominais do português podem ter sua contraparte semântica descrita a partir da combinação das noções de esquema imagético, domínio conceptual e estado de delimitação (delimitado vs. não delimitado). Cada uma dessas noções é representada conforme as imagens a seguir:

Figura 1: esquema imagético, domínio conceptual e estado de delimitação



Fonte: Tavares da Silva (2020, p. 46)

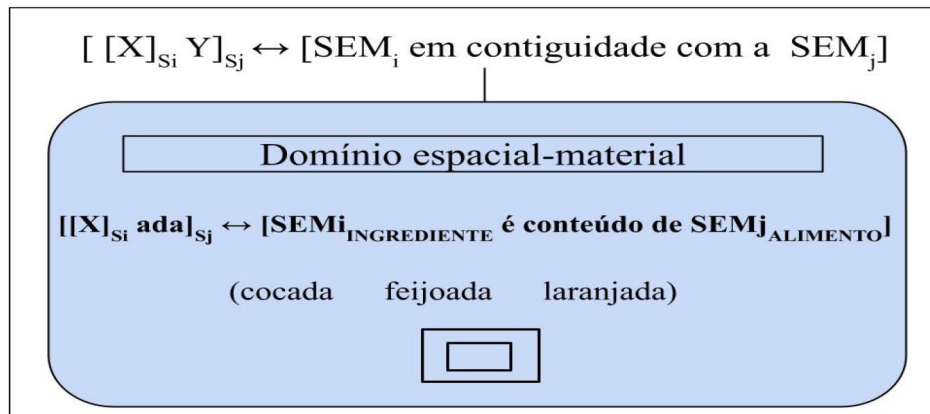
² **Construção** pode ser definido como um pareamento entre forma e significado-função (LANGACKER, 1987; CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006), em que significado-função pode reunir informações semânticas, pragmáticas, discursivas, textuais e sociais.

³ **Esquema** pode ser entendido como uma estrutura conceitual de alto nível que organiza a experiência anterior e nos ajuda a interpretar novas situações (GURECKIS; GOLDSTONE, 2010, p. 725), sintetizando, a partir da abstração dos componentes formais e semânticos mais estáveis e importantes, nossa experiência linguística de contato com um grupo de palavras. Em esquemas, o que é variável pode ser abstraído em forma de *slots* a serem preenchidos, ao passo que o que é recorrente pode ser fixado na construção. Todo esquema é uma construção, mas nem toda construção é um esquema.

⁴ Um **subesquema** é uma instancia que sinaliza uma hierarquização, isto é, uma especificação mais detalhada e subordinada a um esquema mais alto (BOOIJ, 2010). Todo subesquema é um esquema, mas nem todo esquema é um subesquema.

O autor propõe que o significado das construções morfológicas deve ser descrito esquematicamente e não apenas por meio de paráfrases. Assim, **a identificação do significado esquemático da construção morfológica é o cerne dessa proposta**. A construção X-ada_{ALIMENTO}, por exemplo, é descrita em Tavares da Silva (2021)⁵, como segue:

Figura 2: O subesquema X-ada_{ALIMENTO}



Fonte: Tavares da Silva (2021, p. 112)

No topo da rede, está o esquema geral dos denominais, que reflete a estrutura esquemática capaz de abarcar não só todas as construções X-ada, mas também construções com outros sufixos denominais (-eiro(a), -ário, -agem, -al, -aria). Essa construção prevê que a relação entre a entidade designada pela palavra base e pela derivada é sempre de contiguidade (laranja-laranjeira [PARTE-TODO], água-aquário⁶ [CONTENÇÃO], canela-caneleira [CONTATO]).

Logo abaixo, está o subesquema $[[X]_{Si} \text{ada}]_{Sj} \leftrightarrow [SEM_i_{INGREDIENTE} \text{é conteúdo de } SEM_j_{ALIMENTO}]$. Nas palavras X-ada_{ALIMENTO}, tanto a base quanto o derivado são substantivos concretos. Sendo base e derivado substantivos concretos, o domínio envolvido é o material-espacial. A base designa o principal ingrediente, que pode ser o único (laranja) ou o mais saliente (feijão), e o derivado uma iguaria culinária, que pode ser comida ou bebida. O esquema de imagem é o de contenção (ingredientes são conteúdos). As palavras entre parênteses são apenas para exemplificar algumas formações sancionadas por essa construção. Portanto, esse é o significado esquemático dessa construção: uma relação base-derivado ancorada no domínio material-espacial e no esquema imagético de contenção.

O corpus utilizado para esta pesquisa se constitui de 422 palavras, sendo 222 com a acepção “ato de X” e 200 com a acepção “golpe”. Esses dados foram extraídos do dicionário Houaiss (2002) e dos trabalhos de Becker (2014) e de Takahashi (2014). Como esses dois autores também se valeram

⁵ Por questão de espaço, não será feita, neste texto, uma revisão detalhada acerca do modelo proposto por Tavares da Silva (2020). Para maiores detalhes, indico as seguintes leituras: *A semântica dos sufixos denominais* (TAVARES DA SILVA, 2020) e *Breve estudo sobre as construções denominais X-ada* (TAVARES DA SILVA, 2021).

⁶ A primeira acepção dessa palavra ainda em latim é “reservatório de água; local que contém água” (*aqua-aquarium*).

do dicionário Houaiss, praticamente todas as palavras do corpus vêm dessa fonte, com poucas delas providas de textos medievais, coletadas dos referidos trabalhos.

Para entender a gênese das construções X-ada_{ATO DE...} e X-ada_{GOLPE}, traçou-se uma cronologia estruturada com base nas datações encontradas no dicionário Houaiss (2002) e no dicionário etimológico de Cunha (1982). No entanto, tomar por base abonações de dicionários implica lidar com alguns percalços. Em primeiro lugar, a data apresentada nos dicionários é referente à data do documento mais antigo em que a palavra foi atestada e não ao surgimento da palavra na língua. Além disso, há um grande número de palavras sem data de abonação. Dos 422 dados analisados, 147 não apresentam datação em nenhum dos dicionários consultados (cf. tabela 1). Outro problema está relacionado à polissemia. Raras são as vezes em que o dicionário apresenta uma data de abonação para cada significado da palavra, a exemplo de ‘pedrada’ “1. (XIII) ação de lançar uma pedra; 2. (1679) golpe com pedra; 3. (1665) Derivação: sentido figurado. palavra ou gesto que atinge a dignidade ou a honra de alguém; insulto, ofensa. **Etimologia:** pedra + -ada; ver petr-”

Tabela 1: Distribuição dos dados por grupos morfossemânticos.

	Com datação	Sem datação	Total
Ato de X	156	66	222
Golpe	119	81	200

Fonte: elaboração do autor

Contudo, se, por um lado, esse terreno se mostra arenoso, por outro lado, é bastante confiável, pois, se conjugadas a outros elementos, as datações apresentadas em dicionários podem fornecer um panorama geral acerca das trajetórias morfossemânticas, permitindo que se chegue a conclusões plausíveis e coerentes.

Toda a análise é feita com base em dados de língua portuguesa, pois, até o momento, carece-se de dados ou fontes que comprovem a existência do sufixo -ata latino com as mesmas acepções do -ada português.

O surgimento de uma nova construção implica herança de propriedades das sua(s) forma(s) gatilho(s) ao mesmo tempo em que adquire propriedades inteiramente inovadoras que lhe são próprias. Desse modo, entender o surgimento da construção X-ada impele tratar, mesmo que brevemente, do participio, pois o processo se deu da seguinte forma: participio > deverbais > denominal. Assim, as próximas seções são destinadas a discutir essa trajetória.

1. De -ata a -ada: mudança construcional e construcionalização do latim ao português

Vários filólogos, gramáticos e linguistas convergem ao remontar a origem de -ada ao feminino (ou neutro plural) do participio passado latino -ata (MEYER-LÜBKE, 1894; ROHLFS, 1969;

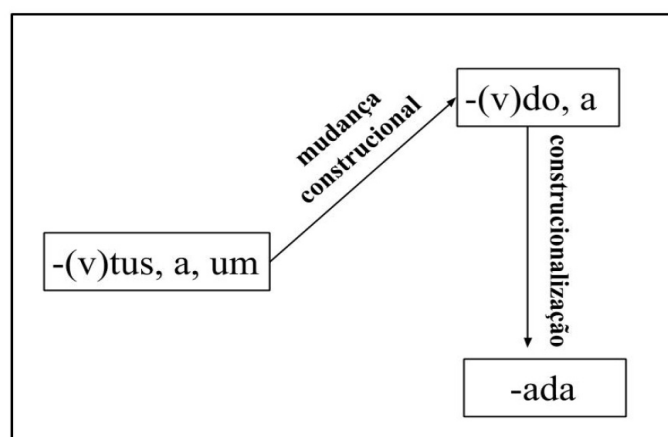
TEKAVČIĆ, 1972; SAID ALI, 1964; CUNHA, 1982; HOUAISS, 2002; SOLEDADE, 2004, 2020; BECKER, 2014; TAKAHASHI, 2014; apenas para citar alguns). Mas, ao contrário do particípio presente, que sofreu recategorização (GONÇALVES; TAVARES DA SILVA, 2020), o particípio passado permanece na língua portuguesa. Sendo assim, coexistem a construção participial, com suas propriedades verbo-nominais, e a construção X-ada, historicamente derivada da primeira.

A noção de que a mudança nem sempre resulta em desuso da forma mais antiga em detrimento da forma inovadora tem sido ressaltada nos estudos de base funcionalista, sobretudo em pesquisas sobre gramaticalização. Mas, numa perspectiva construcional, é apenas em *Constructionalization and Construction changes* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) que esse e outros aspectos da mudança linguística ganharam tratamento mais apropriado, amparados pelos conceitos de *mudança construcional* e *construcionalização*.

Os autores definem construcionalização como a criação de nova forma e novo significado, ou seja, é a formação de novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22). Acrescentam ainda que a construcionalização é acompanhada por mudanças no grau de esquematização, de produtividade e de composicionalidade. Já a mudança construcional é “uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Não envolve a criação de um novo nó” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 26)⁷. Isso significa que, na mudança construcional, uma ou mais estruturas internas são modificadas. Pode haver uma mudança apenas na fonologia ou na morfossintaxe e não no significado-função, por exemplo.

Com base nessa distinção, pode-se afirmar que o particípio português é resultado de mudanças construcionais ocorridas no particípio passado latino, ao passo que a construção X-ada é resultado de construcionalização, conforme representado na figura a seguir.

Figura 3: mudança construcional do particípio e construcionalização de -ada



Fonte: elaboração do autor

⁷ A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node. (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 26)

É possível, no entanto, que o processo de construcionalização de X-ada remonte ao latim medieval, como sugerem os trabalhos dos filólogos consultados (cf. discutido na próxima seção). Porém, até o momento, os dados e as fontes disponíveis não são suficientes para comprovar tal hipótese e o presente estudo toma por base apenas dados da língua portuguesa, suas etimologias e suas datações.

1.1. O particípio português: um caso de mudança construcional

O particípio passado latino (doravante Ppss) caracteriza-se por ser uma categoria híbrida, apresentando tanto propriedades verbais quanto nominais.

Assim como os nomes, apresentava as categorias gramaticais de caso, de número e de gênero, comportando-se morfossintaticamente como adjetivos de primeira classe (ex.: *amatus, a, um sum* “sou amado(a)”). Decorrentemente, já no latim, é possível encontrar alguns Ppss gramaticalizados em verdadeiros adjetivos e, por isso, muitos deles aparecem nos dicionários como adjetivos de primeira classe, a exemplo de *perītus, a, um*⁸, derivado do particípio de *perēō*. Podiam também, como é comum à classe dos adjetivos, substantivar-se.

No que tange às suas características verbais, ao contrário do particípio presente, que era ativo, o Ppss atualizava a voz passiva: “Cumpra ainda notar que o particípio presente só tem a forma ativa e o particípio passado, só a passiva” (FARIA, 1958, p. 463). Isso se dava porque o Ppss era formado a partir do tema de *perfectum*, ou seja, aspecto perfectivo e, sendo assim, “apresentava basicamente um sentido resultativo, indicando uma ação concluída” (TAKAHASHI, 2014, p. 336).

Além das propriedades de tempo (passado) e aspecto (perfectivo), o Ppss podia receber pronome sujeito ou objeto. Nesse aspecto, o comportamento do particípio português é menos verbal que o das outras formas nominais (infinitivo e gerúndio), pois um particípio nunca pode receber um pronome tônico ou átono como sujeito ou objeto, nem pode ser seguido de um clítico, afastando-se, neste ponto, de outras línguas românicas, como o italiano, por exemplo (cf. 1a). Assim, a frase em (1b) é agramatical em português:

(1a) Le informazioni datemi sono incomplete.

(1b) *As informações dadas-me são incompletas.

Com relação à constituição morfológica, o Ppss é formado a partir de um sufixo *-to-, que se une ao tema de *perfectum* (ERNOUT, 1914). Essa associação gera tanto o adjetivo verbal quanto a flexão perifrástica da voz passiva nos tempos de *perfectum*. No que tange à funcionalidade, o formador de particípio em latim tem comportamento mais próximo dos afixos flexionais, pois apresenta algumas das principais características da flexão.

⁸ *perītus, a, um* - 1. que tem a experiência de, experimentado; 2. Versado, instruído, perito, hábil em.

(2) *Hunc sortita⁹ locum miserae sunt ossa puellae*

(Os ossos da pobre mulher foram lançados ao acaso neste lugar)

Com base em (2), pode-se ver que a marca de participio: (a) depende de um contexto sintático (relevância sintática), como a voz passiva analítica; (b) *-tus, a, um* não é cabeça semântica, pois a interpretação parte da base e a marca de participio apenas agrega propriedades gramaticais (a acepção “lançar ao acaso” está na base); (c) não é cabeça morfológica, pois o gênero é determinado pelo sujeito ou substantivo com o qual concorda (o participio *sortita* concorda em gênero, número e caso com *ossa*).

Em suma, o participio português, portanto, se afastou mais da sua origem latina que as outras formas nominais, se aproximando mais do nome se comparado ao infinitivo e ao gerúndio, que apresentam mais propriedades verbais que aquele. Por sua própria natureza híbrida, não tardou em gerar palavras que funcionassem como autênticos adjetivos e substantivos, o que permanece até hoje.

Em comparação ao participio latino, de todas as propriedades elencadas, o participio português perde a capacidade de receber argumentos e de expressar tempo, já que “em si não marca o tempo da situação” (TRAVAGLIA, 1985, p. 200). A marcação morfológica de caso não deve ser considerada, pois foi mudança que ocorreu na língua como um todo.

Pode-se afirmar, então, que o participio passado português difere do participio latino por ter sofrido mudanças construcionais ao longo do tempo, sendo as mais perceptíveis a mudança fonológica (*-atus(a) > -ado(a)*), a não marcação de tempo e a impossibilidade de receber pronome sujeito ou objeto. Pode-se, ainda, afirmar que o Ppss latino e o participio português são a mesma construção, que se manteve na língua por milênios.

É essa construção participial, ao que tudo indica, que deu origem aos nomes de ação em *-ada*. Meyer-Lübke (1894), bem como filólogos posteriores (ROHLFS, 1969; TEKAVČIĆ, 1972), defende a hipótese de que a mudança de Ppss a sufixo derivacional tem como ponto de partida a elipse do substantivo em construções Subs+Adj¹⁰, o que resultou em posterior substantivação do adjetivo e consequentes alterações da função semântica dessa forma.

Segundo esses autores, o Ppss ocorria como adjetivo em expressões sintagmáticas como *pecunia collecta* (dinheiro coletado), *causa defensa* (causa defendida) *peccata remissa* (pecados perdoados) dentre outras. Com a eliminação do substantivo por elipse, o adjetivo participial foi, posteriormente, reanalisado como substantivo, o que acarretou perda do caráter perfectivo e da voz passiva¹¹.

⁹ Participio de *sortior, iris, iri, itus sum*. v. dep. intr. Tirar à sorte.

¹⁰ Dado interessante é a etimologia de ‘levada’, que, segundo José Pedro Machado (1972), vem do latim *levata (aqua)* ‘água levada’, sugerindo a elipse do substantivo, o que vai ao encontro da referida hipótese.

¹¹ Cabe destacar que a proposta de mudança categorial por elipse do substantivo também é sugerida para outros afixos. Esse é o caso do sufixo *-eiro(a)*, cuja origem remonta ao sufixo latino *-arius, a, um*, formador de adjetivos, que passou a *-arius*, um formador de substantivos (cf. VIARO, 2011), a exemplo de *Servus coquinarius* (“o servo que trabalha na cozinha”) > *coquinarius* (“aquele que trabalha na cozinha”) e *Vir ferrarius* (“o homem que trabalha com ferro”) > *ferrarius*

Forma latina:	<i>pecunia collecta</i>	>	<i>Ø collecta</i>	>	<i>collecta</i>	
	o dinheiro coletado		>	o coletado	>	a coleta

Para esses autores, portanto, a reanálise do adjetivo participial fez com que -ada, perdesse suas propriedades verbais (voz e aspecto) e assumisse o sentido/função de nomes de ação. Assumindo, então, a origem participial da construção X-ada, a questão que se coloca é: o que essa construção herda da sua categoria de origem e no que inova? A próxima seção se destina a esse debate.

1.2. A construção X-ada_{ATO DE...}: do participípio ao formador de nomes de ação

Como já exposto, o sufixo -ada formador de substantivos tem sua origem no participípio. No que tange a propriedades morfosintáticas, o sufixo -ada formador de nomes de ação ('pegada', 'batucada') figura como afixo derivacional, pois, ao contrário do participípio, deixa de ter relevância sintática e passa a ser a cabeça morfológica, pois determina a categoria lexical da palavra (sempre um substantivo) e o gênero (sempre feminino). Passa também a ser a cabeça semântica da construção, pois a interpretação parte do afixo (ex.: olhada "ato de olhar").

Com relação às propriedades semânticas, é preciso partir do significado esquemático do participípio para averiguar o que -ada herda dessa construção e o que são inovações adquiridas. Não será feita aqui ampla descrição morfossemântica da construção participial, limitando-se esta seção às questões mais relevantes e suficientes para entender o processo de construcionalização -(v)do, a > X-ada. Assim, serão apresentados e discutidos os conceitos de *aspecto* e de *escaneamento*, no intuito de argumentar que o efeito de delimitação e a sumatividade interna das construções X-ada são heranças/decorrem do aspecto perfectivo (propriedade presente na construção participial) e do tipo de escaneamento imposto à classe dos não verbos (cf. LANGACKER, 2008).

A diferença entre tempo e aspecto é sutil, pois ambas fazem referência à temporalidade da situação, a um conceito de tempo. Não à toa, Travaglia (1985) faz a distinção entre **tempo** e **TEMPO** definidos nos seguintes termos: **tempo**: categoria verbal (correspondente às épocas: passado, presente, futuro); **TEMPO**: ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase. O autor ressalta que tanto **tempo** quanto **aspecto** são categorias de TEMPO,

entretanto as duas não se confundem pois: **tempo** situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como **anterior** (passado), **simultâneo** (presente) ou **posterior** (futuro). É uma categoria dêitica. [...] aspecto não é uma categoria

("aquele que trabalha com ferro"). Assim, o adjetivo *ferrarius*, que podia ser parafraseado como "relativo ao ferro", após a eliminação do substantivo no complexo Subs+Adj, passou a ter a paráfrase equivalente a "aquele que trabalha com ferro", além de sofrer mudança categorial, passando a substantivo. A mudança categorial por elipse é, inclusive, um processo bastante comum e acontece ainda hoje em português como dão mostra as reanálises telefone celular > celular, forno microondas > microondas, empregada doméstica > doméstica, guarda de segurança > segurança, dentre tantas outras.

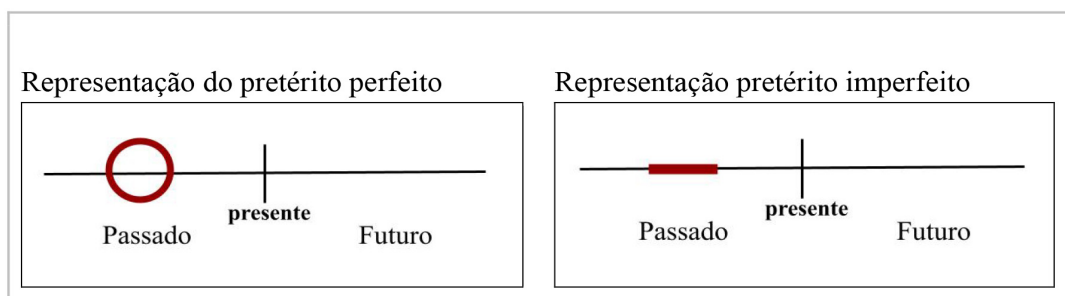
dêitica. Aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, sua duração. [...] podemos dizer que tempo é “um TEMPO externo à situação” e o aspecto é “um TEMPO interno à situação”. (TRAVAGLIA, 1985, p. 52)

Para ilustrar bem essa distinção, podemos tomar como exemplo o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito em português. Essas duas formas verbais expressam o momento passado tomando o presente como ponto de referência (cf. figura 4); a diferença entre as formas é aspectual, pois estão relacionadas a diferentes perspectivas que se pode ter em relação à constituição temporal interna da situação.

(3a) Antônio *ouviu* música o dia todo. (pret. perf. /aspecto perfectivo)

(3b) Antônio *ouvia* música, quando saiu de casa. (pret. imperf. /aspecto imperfectivo)

Figura 4: Distinção entre pretérito perfeito e imperfeito



Fonte: elaboração do autor

Em (3a), a situação passada é vista como um todo, sem ênfase nas suas fases constitutivas. Na imagem à esquerda, o traço interno ao círculo representa o intervalo em que a situação ocorreu, ao passo que o círculo perfilado representa a ênfase que é dada ao todo da situação. Esse aspecto é conhecido como perfectivo. Já na imagem à direita, a situação passada é vista a partir da sua estrutura interna, com ênfase nas suas fases constitutivas. O traço mais fortemente marcado na linha do tempo representa o perfilamento que é dado ao próprio intervalo em que a situação ocorreu, ou seja, à estrutura interna. Esse aspecto é conhecido como imperfectivo.

Travaglia define o perfectivo como

caracterizado por **apresentar a situação como completa**, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como **um todo único**, inalisável, com começo, meio e fim englobados juntos. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade. (TRAVAGLIA, 1985, p. 96)

No âmbito da Linguística Cognitiva, Langacker (2008, p. 147) afirma que o contraste semântico entre perfectivo e imperfectivo é exatamente a propriedade de delimitação, sendo os

perfectivos delimitados no tempo, enquanto os **imperfectivos não delimitados especificamente**¹². Sendo então o particípio um marcador de aspecto perfectivo (TRAVAGLIA, 1985, p. 199), possui, portanto, caráter delimitativo e totalizador. Em outras palavras, o particípio põe ênfase (perfila) no todo e não nas fases constitutivas.

Outra característica das formas participiais é o tipo de escaneamento. *Escaneamento* (LANGACKER, 2008) refere-se à nossa capacidade de rastrear uma relação através do tempo ou no espaço. Há dois tipos de escaneamento: escaneamento sequencial e escaneamento sumário. O primeiro equivale a rastrear mentalmente um evento que se desenrola ao longo do tempo. Langacker (2008) exemplifica com a imagem de uma bola rolando um declive abaixo, salientando que, em nossa visualização em tempo real desta ocorrência, vemos a cada instante a bola em apenas uma posição durante todo o processo. Nossa compreensão dessas várias etapas na linha do tempo depende da nossa habilidade de acessar esses estados componentes na sequência precisa (e, por isso, escaneamento sequencial) de sua manifestação temporal.

Somos, no entanto, capazes de visualizar eventos de outra maneira, sobrepondo mentalmente cada etapa do processo, resultando na sua ativação simultânea. O resultado final é que todos os estados componentes são simultaneamente ativos e disponíveis. Uma boa analogia para diferenciar o escaneamento sequencial do sumário é entender aquele como um pequeno filme e este como uma fotografia de múltipla exposição (LANGACKER, 2008).

O autor relaciona o tipo de escaneamento às classes gramaticais. Sendo assim, o verbo perfila um processo, definido esquematicamente como uma relação escaneada sequencialmente em sua evolução ao longo do tempo (LANGACKER, 2008, p. 147). Apesar de sua base verbal, particípios não são eles mesmos verbos e normalmente perfilam relações não processuais¹³ (escaneamento sumário). Então o ajuste mínimo provocado pela participialização é a imposição do escaneamento sumário.

Em suma, particípios possuem caráter delimitativo e totalizador (propriedade relacionada ao aspecto perfectivo), bem como ativação simultânea dos estados componentes (fruto do escaneamento sumário). A proposta do presente trabalho, portanto, é a de que, do ponto de vista esquemático, a construção X-ada deverbal herda da participial seu caráter delimitativo e totalizador, bem como a simultaneidade dos estados/elementos componentes. Becker (2014) já havia percebido o caráter delimitativo das formações X-ada, além de destacar o que chama de *sumatividade interna*.

Quando se passa em revista os subpadrões de -ada, compreende-se que **o efeito de delimitação conceitual é primordial na “ação” de -ada, mas que não consegue explicar por completo o “funcionamento” do sufixo. Não deve passar despercebido que -ada veicula um matiz coletivo particular que podemos chamar de “sumatividade interna”**. Observando a leitura

¹² Essa caracterização parece ser consensual entre os linguistas, mesmo entre os de inflexão divergentes. Numa abordagem gerativa, por exemplo, Iatridou, Anagnostopoulou & Izvorski (2003) afirmam que os traços subjacentes às morfologias perfectivas e imperfectivas são [+delimitado] e [-delimitado], respectivamente.

¹³ **Relações processuais** são aquelas em que a evolução temporal é essencial para sua caracterização e reconhecimento. O verbo é uma expressão que perfila um processo. Já na **relação não processual**, não há evolução temporal. Adjetivo, advérbio, preposição, infinitivo e particípio são todos caracterizados como não processuais.

deverbal de “ação e efeito de V” (como *chamada*), a acepção de “golpe com N” (*martelada*), de “coletivo de N” (*meninada*) ou de “duração prolongada” (invernada), **em todos os casos nos defrontamos com unidades externamente delimitadas, mas que dispõem de uma estrutura interna complexa composta de várias fases (portanto, “sumatividade”).** Percorramos outra vez a lista das “leituras”: **1.** A *chamada* (e inclusive *chegada*) é um evento que pressupõe uma fase preparatória, uma acumulação suficiente de fases interativas (no caso de chegada são, melhor dizendo, fases prévias ao ponto culminante), uma fase final e, enfim, uma fase posterior (ou “resultativa”). **2.** A acepção de “golpe com N” (*martelada*) pressupõe também um evento com estrutura interna que não pode ser introduzida pela base que designa um nome de instrumento (martelo). [...] **3.** O subpradrão “coletivo” (*meninada*) se refere a conjuntos que se compõem de indivíduos (logo, dispõem de uma mesma estrutura interna complexa). **4.** O subgrupo “duração prolongada” (invernada) focaliza inteiramente a estrutura interna de uma unidade temporal (daí o efeito de prolongamento). Por fim, podemos postular que **o sufixo -ada produz um efeito duplo: gera unidades delimitadas que pressupõem uma estrutura interna (complexa). O traço [+delimitado], assim como o matiz de “sumatividade”** (que se apresenta como uma manifestação da noção de “coletividade”) **constituem a semântica abstrata do sufixo -ada** que desenrola o seu potencial nas diferentes leituras e acepções. (BECKER, 2014, pp. 124-5, grifos meus)

Pode-se afirmar, portanto, que o *insight* do autor acerca do caráter delimitativo e da sumatividade interna das construções X-ada é, na verdade, herança do significado esquemático do participípio. A delimitação tem origem no aspecto perfectivo das formas participiais e a sumatividade interna resulta do escaneamento sumário.

No entanto, isso não explica a mudança categorial de -ada. Em outras palavras, isso apenas nos mostra que tanto o participípio quanto a construção X-ada deverbais apresentam propriedades semânticas comuns que, conforme a presente proposta, foram herdadas daquele por esta. Mas não explica a passagem de -ada formador de participípio a formador de nomes de ação; logo, não explica também a decorrente mudança semântica de *relação* a *coisa*¹⁴.

Como explanado, a participialização implica mudança no tipo de escaneamento (sequencial > sumário), mas isso por si só não implica uma mudança de perfil. Para que um conteúdo conceptual seja enquadrado como substantivo – que é o caso das construções X-ada deverbais (‘a entrada’, ‘a arrancada’ etc.) –, é necessária uma mudança no perfil para uma coisa, que pode ser tanto um participante no processo original ou então uma reificação conceitual desse processo em si.

A palavra ‘vendedor’ pode exemplificar o primeiro caso. O verbo ‘vender’ expressa um evento que apresenta evolução temporal, ou seja, é um processo. Além disso, vender é um processo que se caracteriza por apresentar 2 participantes: aquele que vende e a coisa vendida¹⁵. O sufixo -dor gera,

¹⁴ Esquemáticamente, substantivo é uma expressão que perfila uma **coisa**, entendida como termo técnico para designar qualquer produto da *reificação conceitual*. Já **relação** é o termo técnico utilizado para se referir ao tipo de perfilamento de classes básicas não substantivos, como verbo, adjetivo e advérbio (ver LANGACKER, 2008, p. 93-108).

¹⁵ Para fins de simplificação, a análise feita exclui o terceiro participante da cena de vender, a saber, aquele que compra, ou seja, para quem é vendido.

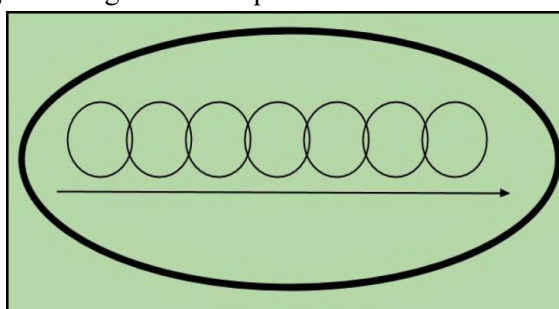
portanto, uma mudança de perfil na palavra base, focalizando/perfilando um dos participantes – aquele que vende. Já o segundo caso – reificação conceitual do processo em si – ocorre por metonímia.

Também é bastante comum para as mesmas formas [infinitivos e participios] funcionar gramaticalmente como substantivos. [...] Esta extensão para uso nominal é bastante simples, dada a descrição do CG de categorias de base. Coisas e relações não processuais representam um agrupamento natural uma vez que ambos interpretam uma situação de forma sumária. Conseqüentemente, a visão holística imposta pela marcação de infinitivo ou de participio é um dos dois fatores essenciais envolvidos na derivação de um substantivo a partir de um verbo. O outro fator requisito é uma mudança no perfil de uma relação para uma coisa. **Suponha-se, então, que um infinitivo ou participio devem ser submetidos a uma tal mudança. Se não houver nenhuma marcação adicional para sinalizá-la, a mesma forma vai perfilar uma coisa e, portanto, ser classificada como um substantivo.** Isto não é nem implausível nem improvável. **Uma mudança implícita no perfil nada mais é que o fenômeno linguístico onipresente conhecido como metonímia** (LANGACKER, 2008, p. 119, grifos meus).

Ora, os substantivos deverbais em -ada, ao tempo das primeiras formações, não são frutos do acréscimo de um sufixo a uma base verbal. Afinal, -ada não formava substantivos, mas participios. Essa mudança de perfil, então, só pode ter se dado por metonímia. Importante frisar que tal análise se concilia com a proposta de filólogos como Meyer-Lübke (1894), para quem o ponto de partida da mudança do Ppss a sufixo derivacional foi a elipse do substantivo, ou seja, um processo metonímico, logo, uma mudança implícita no perfil. Essa análise então encontra respaldo nas pesquisas de cunho histórico.

Foram essas formações, frutos de processos metonímicos, que fomentaram a emergência da construção $[[X]_v \text{ada}]_s \leftrightarrow \{\text{ato/ação de } x\}$. A imagem a seguir, representa o significado esquemático dessa construção.

Figura 5: significado esquemático dos deverbais X-ada



Fonte: elaboração do autor

O círculo indica uma ação/processo qualquer, ao passo que sua sequência representa o escaneamento sumário, ou seja, a simultaneidade das várias etapas. A seta indica a transcorrência desse processo no tempo. A elipse em destaque indica o perfilamento que recai sobre o todo (caráter delimitativo), ficando subfocalizadas suas partes constitutivas e seu caráter temporal. Uma vez que

as fases internas foram sumarizadas, elas funcionam como uma unidade, como fotografia de múltipla exposição, para usar aqui a analogia proposta por Langacker. Pela base verbal e, sobretudo, por expressar um nome de ação, o domínio que ancora esse subesquema é o das ações/eventos/processos (cor verde) (cf. TAVARES DA SILVA, 2020).

Em suma, o nome deverbal em -ada designa uma ação atemporalizada e com ênfase no processo em si¹⁶. É a partir do significado esquemático da construção deverbal que será analisada a construção denominal, pois, como será discutido na próxima seção, os deverbais tiveram importante papel na emergência da construção X-ada_{GOLPE}.

1.3. A construção denominal X-ada_{GOLPE}

Os padrões de formação de palavras não emergem do nada e partem sempre de uma forma específica ou um pequeno grupo de duas ou três palavras que podem receber o nome de forma(s)-gatilho. Na ausência de dados que nos aponte a(s) forma(s)-gatilho, é preciso, ao menos, identificar o processo que deu origem às primeiras formações do padrão, como foi o caso já discutido da elipse do núcleo do SN e consequente reanálise do adjetivo participial e de sua estrutura interna. Sendo assim, nesta seção, argumenta-se que as formas-gatilho que impulsionaram o surgimento do padrão X-ada_{GOLPE} foram provavelmente as palavras ‘lançada’ e ‘porrada’.

No corpus analisado, foram encontradas apenas três palavras cujas etimologias registradas remontam ao latim: ‘levada’ (1067), ‘cilada’ (1344) e ‘parada’.

levada (1067)

ato ou efeito de levar

1. torrente de água que se desvia de um rio para mover moinhos, fábricas etc., para irrigar terrenos, para alimentar reservatórios etc.
2. queda-d’água em que a água ger. escorre por entre pedras
3. construção de terra, pedra etc. que se destina a represar as águas dos rios, para que sejam utilizadas no abastecimento, na agricultura etc.; açude

Etimologia: segundo JM, do lat. levata (aqua) ‘água levada’; ver llev(i)-; f.hist. 1067 levata, 1258 Levada top., sXV levada

cilada (1344)

1. ação de surpreender o inimigo ou a caça; emboscada
2. Derivação: por metonímia.
lugar encoberto, ger. junto ao caminho, onde se fica de tocaia para aguardar o inimigo ou a caça
3. ação que visa iludir, lograr; ardil, estratégia, armadilha, arapuca
4. perfídia, traição

Etimologia: lat.medv. da península Ibérica, segundo Corominas, celata,ae ‘id.’, fem.substv. de celatus,a,um, part.pas. de celare ‘esconder’, prov. através do esp. celada (1140); f.hist. 1344 celada, sXIV cilada, sXIV çuada, 1603 silada

¹⁶ Cabe ressaltar que, por metonímia, nomes de ação podem designar um dos participantes, gerando polissemia: ‘pousada’ (ato de pousar ou local do pouso), ‘picada’ (ato de picar ou o ferimento, efeito da picada), ‘mijada’ (ato de mijar ou a quantidade de urina vertida em cada micção), dentre outros.

parada (1536)

1. ação ou efeito de parar
2. lugar em que se pára, esp. os pontos de transportes públicos
Ex.: a próxima p. fica perto do parque
3. interrupção de uma atividade ou movimento; paralisação, suspensão
Ex.: um problema mecânico provocou a p. nos trens do metrô

Etimologia: lat.vulg. *parata, f. substv. do part.pas. de paráre ‘esforçar-se para obter’, donde ‘obter, alcançar, adquirir com dinheiro, comprar’; ver para-; a1536 é a data para ‘lugar em que se pára’ e 1672 é a data para ‘ação de parar’.

No período que vai do séc. IX ao XII, das 13 palavras X-ada, 9 são deverbais, cuja acepção mais geral é acolhida pela paráfrase “ato/ação de X”. As outras quatro são ‘lançada’, ‘porrada’, ‘canada’ e ‘jugada’. Fica nítido então que até o século XII, há apenas um padrão verbal e alguns germens do que será, a partir do século XIII, o subesquema X-ada_{GOLPE}¹⁷.

No padrão formado a partir de bases verbais, as palavras mais antigas são ‘achada’ (952) “ato ou efeito de achar” e ‘pousada’ (959) “ato ou efeito de pousar; pouso”. A palavra mais antiga do corpus, no entanto, é ‘lançada’ (886) “1. golpe dado com a lança; 2. ferimento feito por lança”, de “lança + -ada”, ou seja, um denominal, conforme etimologia do dicionário Houaiss. Em Cunha (1982), tanto ‘lançada’ quanto ‘lançar’ estão dentro do verbete ‘lança’, ambos com a datação do séc. XIII. O que se pode afirmar para além das informações encontradas no verbete é que tanto ‘lançar’ quanto ‘lança’ já existiam em latim.

lançar - lat. lanceo,as,avi,atum,are ‘manejar a lança, jogar a lança’; observe-se que lançar, originalmente ‘jogar a lança’, sofreu ampl. de signif. (segundo JM já no lat.vulg.), passando a designar ‘jogar qualquer objeto, arremessar, atirar’, tomando para si, deste modo, os sentidos do v.lat. jactare, v.freq. de jacere ‘jogar, atirar, arremessar, lançar’ (ver jact-), e mesmo afastando-se do signif. primário; ver lanç-; f.hist. sXIV alçar, sXIV lançã, sXIV lãçey, sXIV lancou, sXV lãçãdo, sXV lançades, sXV lamçou, sXV llançar. (HOUAISS, 2002)

lança - lat. lancea,ae ‘lança, arma dos suevos, arremessão, dardo, venábulo’, prov. de orig. céltica; ver lanç-; f.hist. sXV llança, sXV lãça, sXV lamça. (HOUAISS, 2002)

Sendo assim, tanto é possível que ‘lançada’ tenha vindo da substantivação do particípio de lançar, quanto que tenha vindo de lança + ada. Diante da incerteza, o que se torna relevante é que há uma ambiguidade com relação à natureza da base, que, juntamente com outros casos ambíguos (cf. quadro 1), parece ter propiciado a emergência de um padrão denominal (nesse caso, X-ada_{GOLPE}) e impulsionado sua proliferação.

¹⁷ Na verdade, a análise dos dados sugere que ‘lançada’ e ‘porrada’ foram as formas-gatilho do padrão X-ada_{GOLPE}, ao passo que ‘canada’ e ‘jugada’ foram o ponto de partida para o padrão X-ada_{QUANTIDADE QUE CABE EM...} que sanciona palavras como ‘braçada’ (XIII) “quantidade de coisas ou de determinada coisa que se abarca cingindo com os braços” e ‘tonelada’ (XIV) “tonel cheio; conteúdo de um tonel”.

Como já mencionado, antes do século XIII, há apenas duas palavras datadas com acepção “golpe”, lançada (886) e porrada (1139)¹⁸. A proliferação da acepção “golpe” começa a aumentar no século XIII (7 dados – dentada, espadada, palmada, orelhada, pancada, punhada, setada), justamente quando começa a aumentar o número de possíveis ambiguidades nas formações deverbais.

Quadro 1: Casos de possíveis ambiguidades na relação base-derivado

X-ada “ato de X”	Verbo e nome relacionados ¹⁹
cavada (1272)	cavar (1272) cava (XIII)
tornada (XIII)	tonar (XIII) torno (s/data)
caçada (XIII)	caçar (XIII) caça (XIII)
pesada (XIII)	pesar (XIII) peso (XIII)
cantada (XIII)	cantar (XIII) canto (XIII)
jogada (XIII)	jogar (XIII) jogo (XIII)

Fonte: elaboração do autor

Todas as palavras da coluna esquerda no quadro 1 são deverbais, segundo o dicionário Houaiss (2002). Mas, para o falante, a relação base sufixo nem sempre é clara. Não se pode prever que todos os falantes inequivocamente vão estabelecer exatamente a mesma relação entre base e derivado para uma dada palavra. A analisabilidade²⁰, muitas vezes, depende do quão proeminente e ativo está determinado conceito na memória do falante. Além disso, não é um fenômeno preciso e de manifestação idêntica para todos. O trabalho de Viaro (2007) dá mostras dessa imprecisão, patente nas respostas obtidas em um teste por ele aplicado.

A partir de 120 palavras formadas com o sufixo –eiro, coletadas num corpus de textos, num teste informal, um informante de nível superior, doutor em Letras, afirmou não conseguir entender ou detectar a base em 38 casos (31,7%). Em alguns casos, a derivação assume posições interessantes: afirmou que gelo → geladeira. De fato, a memória depende da frequência usual e, para o informante, gelo é mais associável, por estar mais rapidamente presente na memória, do que gelar, verbo defendido, por exemplo, por um linguista que postulava a derivação deverbal a partir do particípio gelado para esses casos em –eiro. Outras situações que causaram dúvida no informante foram as seguintes derivações: engenho → engenheiro, cruz → cruzeiro, enfermo → enfermeiro, carta → carteira, barro → barreira, solto → solteiro, cocho → cocheiro, travessa → travesseiro, tesoura → tesoureiro, carne → carneiro, caldo → caldeira, trinchar → trincheira. De fato, outros informantes

¹⁸ **porrada** (1139): pancada, bordoadada. *Etimologia*: *porra + -ada, embora os registros de datação disponíveis não corroborem a der.; ver porr-; f.hist. 1139 porrada, sXIV porrada. ***porra** (1209): 1. Diacronismo: antigo. clava com ponta redonda e reforço de ferro; 2. pedaço de pau; porrete, cacete.

¹⁹ A exceção de ‘caça’ e ‘torno’, todas as demais palavras já existiam em latim, mesmo que com significado relativamente distinto do atual.

²⁰ A analisabilidade se relaciona ao grau com que os falantes reconhecem – e tratam distintamente – as partes componentes de uma palavra e/ou um esquema (Cf. BYBEE, 2010). Portanto, está diretamente relacionada à identificação de unidades (reconhecimento de formas linguísticas).

com certeza não teriam dúvidas em alguns (como enfermo → enfermeiro), ou não veriam casos de derivação em outros (como em cruzeiro), ou proporiã outras palavras simples em outros (talvez coche → cocheiro, tesouro → tesoureiro). Subjetivismos semelhantes se instauram em propostas teóricas, em que testes semelhantes são aplicados a si mesmo. O informante encontrou, ainda, situações, que apresentava como palavras simples outras palavras derivadas ou ainda palavras que necessitariã muitas mudanças fonéticas para justificar a derivação. Isso mostra que a palavra-base que vem para a consciência do falante nativo é a mais proeminente na memória, definida, entre outras coisas, com base em sua usualidade. (VIARO, 2007, p. 6-7)

Cabe destacar ainda um outro fator importante, a saber, o caráter hiponímico entre as acepções “ato de...” e “golpe...”. Tomando como exemplo as palavras ‘pedrada’ (XIII)²¹ “ação de lançar uma pedra” e ‘picada’ (1269) “ato ou efeito de picar(-se); machucado ou ferida produzida por objeto pontiagudo”, vê-se naquela um denominal com acepção típica das palavras “ato de x” e nesta um deverbais com semântica muito próxima a das palavras que designam golpe, ou seja, de uma ação que causa algum tipo de ferimento ou machucado. Essa fronteira, de fato, não é muito bem delimitada e isso se dá pelo caráter hiponímico da acepção ‘golpe’ em relação a noção “ato de x”, pois todo “golpe” é um “ato/ação de...”.

‘Lançada’ e ‘porrada’, então, provavelmente foram as palavras gatilho para as demais formações com a acepção “golpe”, que, por analogia, a tomaram como modelo. Desse modo, as quatro molas propulsoras para a emergência do subesquema X-ada_{GOLPE} foram (a) a analogia com as formas já existentes (‘lançada’ e ‘porrada’), (b) a grande proximidade entre as noções “ato de x” e “golpe com x” (caráter hiponímico), (c) a potencial ambiguidade da relação base-derivado não só em ‘lançada’, mas também em (d) outras palavras X-ada deverbais igualmente ambíguas com relação à natureza da base, se verbal ou nominal. Essa ambiguidade²² foi fundamental para reforçar a possibilidade de uma derivação [X]_{Substantivo} → X-ada_{substantivo} e conseqüente emergência do padrão X-ada_{GOLPE}, o primeiro padrão X-ada denominal da língua.

Importante atentar também que essa hipótese destaca o fato de que o surgimento de um novo padrão é sempre complexo e sempre envolve vários fatores. Não parece que a simples existência de bons candidatos à forma-gatilho seja suficiente para explicar a emergência do padrão denominal, pois ‘lançada’ e ‘porrada’ podem até explicar as formações denominais posteriores, mas fica sem resposta o porquê de essas duas palavras terem bases nominais se ainda não existia um padrão X-ada

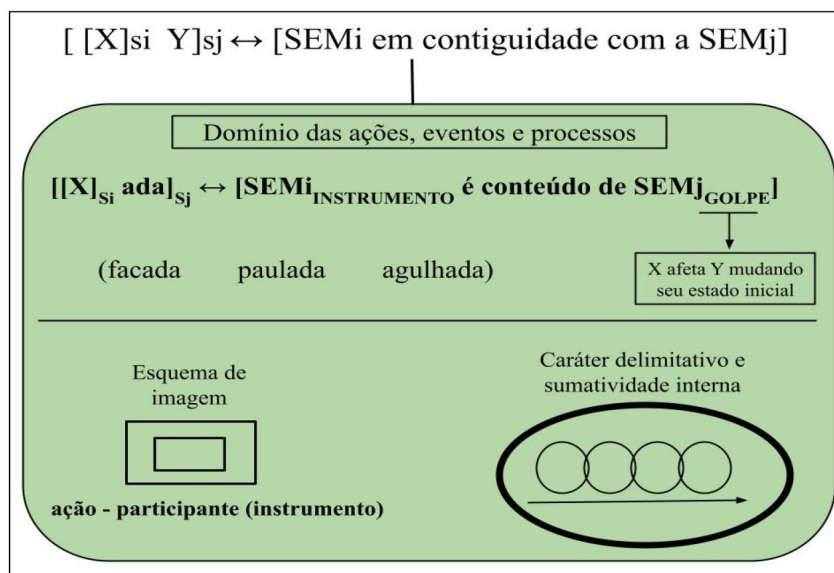
²¹ Segundo Houaiss (2002), a primeira acepção de ‘pedrada’ é “ação de lançar uma pedra”, datando a acepção “golpe” de 1679.

²² Os estudos sobre gramaticalização destacam a ambiguidade como um estágio fundamental para a mudança linguística, o que ficou conhecido pelo termo *overlap model*, o que pode ser exemplificado a partir das três sentenças a seguir: (a) Ele vai para casa falar com Paulo. (b) Ele vai falar com Paulo. (c) Vai chover. Vê-se que a sentença (b) é ambígua com relação ao significado de deslocamento no espaço (Ele vai até Paulo para falar com ele) ou tempo futuro (Ele falará com Paulo). Já em (c), não há qualquer ambiguidade, sendo a única leitura possível a de tempo futuro. Não parece inconsistente a aplicação da noção de *overlapping* à análise que o(s) falante(s) faz(em) da constituição interna das palavras e construções morfológicas como uma etapa importante em muitos casos de mudança. Afinal, seja em construções sintáticas, por meio de inferência contextualmente localizada, seja em palavras, por meio da análise de sua constituição interna (que independe de contexto), o que está em jogo é uma possível ambiguidade na análise que o(s) falante(s) faz(em) da construção.

denominal na língua. Assim, a confluência dos fatores elencados de (a) a (d) (e talvez de outros ainda obscuros), parece ser mais coerente e bastante plausível.

Diante do que foi exposto e com base na proposta de Tavares da Silva (2020), a matriz esquemática do padrão X-ada_{GOLPE} pode ser representada conforme a figura a seguir:

Figura 6: O subesquema X-ada_{GOLPE}



Fonte: elaboração do autor

No topo da rede, está o esquema geral dos denominais (cf. seção 1). Logo abaixo, está o subesquema $[[X]_{Si} \text{ ada}]_{Sj} \leftrightarrow [SEMi_{INSTRUMENTO} \text{ é conteúdo de } SEMj_{GOLPE}]$, em que X deve ser entendido como participante instrumento, conteúdo da ação de “golpear”²³. X-ada_{GOLPE} herda dos nomes de ação o caráter delimitativo e a sumatividade interna. Sendo um nome que expressa um “ato de...”, herda também a semântica de ação. Portanto, o domínio que ancora esse subesquema é o das ações/eventos/processos.

Como propriedades inovadoras, estão a base nominal e a ideia de uma ação mais específica, genericamente parafraseada como “golpe”. A base das construções X-ada_{GOLPE} é um substantivo concreto que designa o instrumento; o derivado, por sua vez, é um substantivo abstrato que designa a ação praticada com o instrumento. Nos deverbais, a ação expressa é inteiramente dependente da base verbal e, conseqüentemente, vários tipos de ação podem ser expressos (de calar, de pousar, de entrar etc..). Já nos denominais, uma vez que substantivos concretos não expressam ação, essa noção precisa estar codificada no significado da construção, além de ser necessariamente uma ação específica (nesse caso a de “golpe”), já que não pode ser extraída da base. Isso faz com que haja uma restrição no que concerne à semântica da base, que precisa ser um nome que possa se compatibilizar com essa

²³ A especificação GOLPE, no entanto, deve ser entendida de modo bem amplo, como uma ação pela qual uma entidade X afeta outra Y, modificando seu estado inicial. As palavras ‘dentada’ e ‘palhetada’, por exemplo, não se encaixam muito bem na ideia comum que fazemos de golpe, mas sem dúvida são ações em que uma entidade afeta outra causando-lhe alguma modificação.

noção de “efetuar um golpe (ou algo do tipo)”; daí serem todos substantivos concretos que designam entidades passíveis de funcionar como instrumento.

Uma ação pode ter uma ampla gama de participantes, que pode ser um agente, um paciente, uma localização, seu tempo ou um instrumento. A relação entre ação e um participante pode ser entendida em termos de contenção (ao contrário de uma relação do tipo Evento e Subevento, em que este pode ser entendido como parte daquele – EI PARTE-TODO).

Esse é o significado esquemático dessa construção: uma relação base-derivado ancorada no domínio das ações/eventos/processos e no esquema imagético de contenção, em que a base é sempre o instrumento de um golpe, conceptualizado como uma ação atemporalizada e com ênfase no processo em si (caráter delimitativo), cujas fases constitutivas são sumarizadas (escaneamento sumário).

Considerações finais

O presente texto enfocou o processo de construcionalização de X-ada, sob a proposta de que o caráter delimitativo e a sumatividade interna próprios dessa construção são heranças do significado esquemático do particípio, sua categoria de origem. Com isso, a distinção entre mudança construcional e construcionalização proposta por Traugott e Trousdale (2013) assume aqui caráter fundamental para demonstrar e embasar teoricamente a coexistência de duas construções na língua: o particípio português, fruto de mudança construcional do particípio passado latino, e as construções X-ada, resultado de construcionalização a partir do particípio.

Esta pesquisa também teve o intuito de demonstrar que padrões não surgem arbitrariamente nem são produções *ad hoc*. Estamos em consonância, portanto, com Traugott e Trousdale (2013, p. 2), para quem “o locus da mudança é o constructo, uma instância de uso”. Estamos nos harmonizando também com postulações mais antigas, a exemplo das defendidas pelos difusionistas, que advogavam que uma mudança ocorre inicialmente em algumas palavras e se propaga para outras, podendo atingir todo o léxico ou parte dele. Embora estes se referissem especificamente à mudança sonora, não tardou para que o modelo da difusão lexical fosse estendido a outros fenômenos.

Sendo assim, no que tange ao estudo da morfologia diacrônica, assumir que a mudança começa em itens lexicais específicos implica a identificação da(s) forma(s)-gatilho que impulsionaram o surgimento de um novo padrão ou, pelo menos, dos fenômenos que estiveram por trás dessa emergência. Argumentamos que as formas-gatilho para a emergência de X-ada_{GOLPE} foram provavelmente ‘lançada’ e ‘porrada’. Já os nomes de ação deverbais, ao que tudo indica, têm sua origem em processos metonímicos, ocorridos ainda no latim medieval, de elipse do núcleo do SN e conseqüente reanálise do adjetivo participial. Identificada(s) suas origens, cabe investigar o que cada subesquema herda de sua categoria “mãe” e no que inova.

O subesquema X-ada_{ATO DE...} herda do particípio o caráter delimitativo e a sumatividade interna. Mantém-se também a base verbal. Como principais inovações, está o comportamento derivacional, com perda da relevância sintática e mudança da posição da cabeça morfológica e semântica (construção de cabeça à direita), passando a determinar o gênero da palavra (sempre feminino).

O subesquema X-ada_{GOLPE}, por sua vez, herda dos deverbais o caráter delimitativo, a sumatividade interna, a estrutura esquemática de imagem (EI DE CONTENÇÃO), e a especificação para gênero feminino (cabeça à direita). Por expressar nomes que denotam ações, mantém-se também a ancoragem no domínio das ações/eventos/processos.

No entanto, passa a selecionar bases substantivas. Além disso, considerando a trajetória participio > verbal > denominal, percebe-se que, à medida que o padrão vai se afastando da construção de origem, vai também perdendo aplicabilidade. Se o participio se aplica a todos os verbos, a construção denominal X-ada_{GOLPE} passa a ser bem mais restrita, se anexando apenas a nomes que são passíveis de funcionar como instrumento. O padrão verbal, por sua vez, estaria justamente numa zona intermediária em termos de aplicabilidade.

Referências

- CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 1982.
- BECKER, Martin. O sufixo -ada em português - aspectos semânticos e diacrônicos. In: VIARO, M. E. (org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. pp. 118-53.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- ERNOUT, Alfred. *Morphologie historique du latin*, Paris, ed. Klincksieck, 1914.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Biblioteca Brasileira de Filologia, n. 14. Livraria Acadêmica, 1958.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; TAVARES DA SILVA, João Carlos. *Sobre o estatuto de -nte: evidência de um continuum flexão-derivação para a mudança morfológica do latim ao português*. LABORHISTÓRICO, Dossiê “Descrições morfológicas das línguas românicas: abordagens históricas”, v. 6, n. 1, 2020.
- GURECKIS, Todd; GOLDSTONE, Robert. Schema. In: HOGAN, P. C. (ed.). *The Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Digital da Língua Portuguesa - versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

- IATRIDOU, Sabine; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; IZVORSKI, Roumyana. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (eds.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. pp. 153-205.
- LANGACKER, Ronald Wayne. *Foundations of cognitive grammar*, v. 1: theoretical prerequisites. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald Wayne. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, v. 2, Lisboa, Confluência, 1972.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Grammatik der Romanischen Sprachen: Formenlehre*. Leipzig: O. R. Reisland, 1894. v. 2.
- ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: Sintassi e formazione delle parole*. Torino: Einaudi, 1969. v. 3.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SOLEDADE, Juliana. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*, v. 2, 575 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- SOLEDADE, Juliana. *Esquemas construcionais no português arcaico: um estudo sobre X-ada1, X-ada2, X-ado, X-do, X-da*. LABORHISTÓRICO, v. 6, pp. 41-56, 2020.
- TAKAHASHI, Mônica Yuriko. Mudanças semânticas do sufixo -ada. In: VIARO, M. E. (org.). *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.
- TAVARES DA SILVA, João Carlos. *A semântica dos sufixos denominais*. Curitiba, Appris, 2020.
- TAVARES DA SILVA, João Carlos. Breve estudo sobre as construções denominais X-ada. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2021.
- TEKAVČIĆ, Pavao. *Grammatica storica dell'italiano: lessico*. Bologna: Il Mulino, 1972. v. 3.
- TRUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford, 2013.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O Aspecto Verbal em Português*. Uberlândia: UFB, 1985.
- VIARO, Mário Eduardo. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos derivacionais eiro/eira na Língua Portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (ed.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: Fonologia, Morfologia, Sintaxe*. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2007. pp. 45-84.
- VIARO, Mário Eduardo. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*, 2011. 220 f. Tese de Livre-docência para o Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, área de Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.